

O mal estar na civilização de Sigmund Freud: uma análise ontológica a partir da categoria trabalho

The malaise in the civilization of Sigmund Freud: an ontological analysis from the labor category

El malestar en la civilización de Sigmund Freud: un análisis ontológico desde la categoría laboral

Recebido: 15/11/2022 | Revisado: 22/11/2022 | Aceitado: 23/11/2022 | Publicado: 30/11/2022

Karla Érika Ferreira Ferro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6532-1249>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: karlaerikaferro@gmail.com

Emanoel Rodrigues Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: emanoel.almeida@ifce.edu.br

Resumo

Qual a origem dos sofrimentos psíquicos revelados com intensidade na sociabilidade capitalista? A partir desta questão, formulou-se o objetivo geral deste artigo: compreender a gênese dos sofrimentos psíquicos na sociabilidade capitalista e os objetivos específicos: 1) demonstrar os sofrimentos psíquicos a partir da obra “o mal-estar na civilização” de Freud; 2) relacionar os sofrimentos psíquicos com a categoria “trabalho estranhado” desenvolvida por Marx e apresentar o trabalho associado como caminho para a superação do mal estar da sociedade. Como procedimento metodológico, a investigação do objeto foi realizada a partir de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Para o seu desenvolvimento foram utilizadas as contribuições teóricas de Freud (1996), Marx (2004), entre outros. Os resultados da pesquisa foram: os sofrimentos psíquicos são frutos do desenvolvimento da relação dialética entre objetividade e subjetividade e a superação desses sofrimentos somente pode ocorrer por meio de uma sociabilidade livre e associada.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico; Trabalho estranhado; Marx e Freud.

Abstract

What is the origin of psychic sufferings revealed with intensity in capitalist sociability? From this question, the general objective of this article was formulated: to understand the genesis of psychic sufferings in capitalist sociability and specific objectives: 1) to demonstrate the psychic sufferings from the work "the malaise in civilization" of Freud; 2) relate the psychic sufferings with the category "strange work" developed by Marx and present the associated work as a way to overcome the malaise of society. As a methodological procedure, the investigation of the object was carried out based on a qualitative research of the bibliographic type. For its development, the theoretical contributions of Freud (1996), Marx (2004), among others, were used. The results of the research were: psychic sufferings are the fruit of the development of the dialectical relationship between objectivity and subjectivity and the overcoming of these sufferings can only occur through a free and associated sociability.

Keywords: Psychic suffering; Strange work; Marx and Freud.

Resumen

¿Cuál es el origen de los sufrimientos psíquicos revelados con intensidad en la sociabilidad capitalista? A partir de esta interrogante se formuló el objetivo general de este artículo: comprender la génesis del sufrimiento psíquico en la sociabilidad capitalista y los objetivos específicos: 1) demostrar el sufrimiento psíquico a partir de la obra de Freud “los descontentos en la civilización”; 2) relacionar el sufrimiento psíquico con la categoría “trabajo extraño” desarrollada por Marx y presentar el trabajo asociado como una forma de superar el malestar de la sociedad. Como procedimiento metodológico, la indagación del objeto se realizó a partir de una investigación cualitativa de tipo bibliográfico. Para su desarrollo se utilizaron los aportes teóricos de Freud (1996), Marx (2004), entre otros. Los resultados de la investigación fueron: el sufrimiento psíquico es el resultado del desarrollo de la relación dialéctica entre objetividad y subjetividad y la superación de estos sufrimientos sólo puede ocurrir a través de una sociabilidad libre y asociativa.

Palabras clave: Sufrimiento psíquico; Extraño trabajo; Marx y Freud.

1. Introdução

A humanidade vem se afastando cada vez mais das barreiras naturais (Lukács, 2021). Historicamente, o ser humano vem superando os limites impostos pela natureza, desenvolvendo as forças produtivas que permitem superar a relação de exclusiva dependência ao meio natural. Assim, o indivíduo passou a dominar a natureza inorgânica e orgânica e a produzir sua existência, socialmente.

Essa superação das barreiras naturais ocorre por conta do desenvolvimento das diferentes atividades sociais, especialmente através do trabalho. Este, enquanto atividade teleologicamente posta para a transformação da natureza, produz o novo social, distinguindo o homem cada vez mais da natureza. Através do trabalho o homem transforma a natureza física e social, ao mesmo tempo (Marx, 2011). A objetividade e a subjetividade são postas em movimento pelo desenvolvimento das diferentes atividades sociais, especialmente pelo trabalho.

Com esse constante desenvolvimento, a humanidade produziu mais do que o necessário para a sua reprodução. Historicamente, essa produção do mais do que o necessário veio a se constituir em propriedade privada, (Almeida, 2018). Com a entrada da propriedade privada no interior da humanidade, o afastamento das barreiras naturais se tornou desigual e antagônico entre os sujeitos, possibilitando a exploração de um ser humano por outro.

Esse antagonismo, que se revela na intensa luta de classes, alcança seu apogeu no capitalismo, onde ocorrem suas maiores contradições, que se revelam, com especial destaque e impacto na subjetividade dos indivíduos. Assim, a subjetividade dos sujeitos é constantemente transformada em todo esse processo. E isso tem se expressado na atualidade em adoecimento mental dos indivíduos em larga escala.

Dados recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) apontam que 10% da população mundial sofre com transtornos de saúde mental, um contingente aproximado de 700 milhões de pessoas, o que representa o total de 13% de todas as doenças catalogadas.

Esses transtornos são os grandes responsáveis por uma incidência muito grande de suicídios no mundo. No mesmo relatório divulgado, a OMS catalogou dados que indicam que ocorre uma morte por suicídio a cada 40 segundos no mundo, resultando em um total de 800mil mortes por essa causa anualmente.

Destarte, essa pesquisa surgiu da necessidade de compreender a gênese desses sofrimentos humanos na sociabilidade capitalista: qual a origem desses sofrimentos psíquicos revelados com intensidade na sociabilidade capitalista?

A partir desta questão, formulou-se o objetivo geral deste artigo: compreender a gênese dos sofrimentos psíquicos na sociabilidade capitalista e os objetivos específicos: 1) demonstrar os sofrimentos psíquicos a partir da obra “o mal estar da civilização” de Freud; 2) relacionar os sofrimentos psíquicos com a categoria do trabalho estranhado desenvolvida por Marx e apresentar o trabalho associado como caminho para a superação do mal estar da sociedade.

2. Metodologia

Considerando que é a realidade social que determina a subjetividade humana, partiremos do pressuposto que os sofrimentos psíquicos devem ser investigados nas condições reais de vida do ser humano. Nesse sentido, os procedimentos metodológicos são determinados e orientados pelo objeto em questão: os sofrimentos psíquicos na sociabilidade capitalista.

A investigação dos sofrimentos psíquicos na sociabilidade capitalista foi realizada a partir de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Para o seu desenvolvimento foram utilizadas as contribuições teóricas de Freud (1996) Marx (2004), entre outros.

O texto está organizado em dois momentos: no primeiro será realizada uma exposição dos sofrimentos psíquicos a partir da obra “o mal-estar na civilização” de Sigmund Freud (1996); no segundo momento, a exposição ocorre a partir da categoria trabalho estranhado, desenvolvido por Marx (2004), na obra: “Manuscritos econômico-filosóficos”.

3. Resultados e Discussão

3.1 Os sofrimentos psíquicos em Freud

As escolas psicológicas surgem no século XIX como uma tentativa de compreender o psiquismo humano em um contexto em que há um abandono pela totalidade social, dialética e historicidade.

Não diferente das escolas psicológicas, a psicanálise tornou-se uma atividade humana que passou a compreender os sofrimentos psíquicos descolados da totalidade social, jogando um grande peso sobre o indivíduo. Freud é o maior representante da psicanálise.

Para Freud, a humanidade se desenvolve a partir do conflito entre os desejos/impulsos do sujeito e a segurança/felicidade coletiva. Nesse conflito, o sujeito é forçado a renunciar seus desejos e impulsos, criando nele uma fonte de sofrimentos psíquicos.

O desenvolvimento dessas renúncias provocou o que Freud denominou de “grande mal-estar”. Este é expresso na medida em que desejos e impulsos de prazer e agressividade dos indivíduos são reprimidos, impedindo que os indivíduos se realizem completamente. Há uma oposição entre os desejos e impulsos dos indivíduos e a sociedade.

Tal “mal-estar” é resultado de um aglomerado de renúncias que são muito caras aos indivíduos, as quais se apresentam na medida em que os sujeitos se limitam em suas vontades em prol da segurança e da felicidade coletivas.

Freud é enfático quanto ao mal-estar da nossa civilização quando diz que “Parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização, mas é difícil julgar se, e em que medida, os homens de épocas anteriores sentiram-se mais felizes, e que papel desempenharam nisto suas condições culturais”. (Freud, 1996).

Em sua obra “Mal-estar da civilização”, Freud discorre sobre o movimento de renúncias e conflitos que desembocaram na sociedade capitalista atual e sua ausência de bem estar humano. A gênese das neuroses deve ser encontrada nas privações que o sujeito vive:

Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade. (Freud, 1996)

Assevera também o autor que mesmo o ser humano passando a ter domínio sob a natureza, conseguindo grandes avanços tecnológicos, mesmo tudo isso não parece ter feito os seres humanos mais felizes.

Com efeito, no artigo “hereditariedade e a etiologia das Neuroses”, Freud (1986) reafirma expressamente que a origem das neuroses está vinculada à vida sexual, veja-se:

Baseado em uma laboriosa observação dos fatos, devo sustentar que essa última suposição concorda e muito com a realidade, pois cada uma das neuroses maiores que enumerei têm como sua causa imediata um distúrbio particular da economia do sistema nervoso, e que essas modificações patológicas funcionais têm como fonte comum a vida sexual do sujeito, seja apoiadas em uma perturbação de sua vida sexual contemporânea ou em fatos importantes do passado. (Freud, 1896)

Em 1898, Freud escreveu outro artigo cujo título foi “A Sexualidade na Etiologia das Neuroses”, no qual, de forma mais detalhada, descreve que pesquisas exaustivas levaram-no a reconhecer que as causas mais imediatas e mais importantes de todos os casos de doença neurótica devem ser achadas em fatores emergentes da vida sexual.

Ao atribuir o sofrimento psíquico a não realização do prazer e impulso de desejos do sujeito, Freud (1996) joga um papel preponderante à subjetividade humana no processo de compreensão do sofrimento humano.

3.2 Sofrimentos psíquicos em Marx

O afastamento das barreiras naturais, posto em movimento pela propriedade privada, tem transformado a luta pela produção da existência numa luta antagônica entre os seres humanos. A produção privada da existência implicou em duas consequências: a reificação das relações de produção e a personificação das coisas.

Nesse contexto, a personalidade passou a ser determinada pela propriedade privada. O senhor de escravos, assim como o capitalista, é uma personificação da propriedade privada dos meios de produção. Da mesma forma, o servo e o trabalhador assalariado são uma personificação da força de trabalho que eles possuem. Essa determinação da propriedade privada trouxe profundas consequências para as relações sociais.

No capitalismo, esse antagonismo se expressa num desenvolvimento desigual e contraditório entre trabalhadores e proprietários dos meios de produção, a burguesia. O desenvolvimento desse antagonismo desemboca naquilo que Mészáros (2006) denominou de crise estrutural do capital.

Com a crescente e agravada crise estrutural do capital, percebe-se a intensidade das manifestações das neuroses no ser humano, causando-lhe profundo sofrimento psíquico.

Investigar o processo do trabalho, na sociabilidade capitalista, à luz da ontologia de Lukács (2021), é fundamental para se entender como se dá a construção das neuroses dentro da lógica da exploração do homem pelo homem diante do cenário da subsunção do trabalho ao capital.

A partir do marxismo, entende-se que as diversas formas de neuroses estão se agravando dentro do contexto de barbárie humana que estamos presenciando em tempos de aviltamento do processo degenerescência da humanidade.

Segundo Marx (2004), é na alienação do trabalho estranhado que está contido todo o complexo de alienações. Com o fito de desenvolver a categoria da alienação, Marx assevera que:

O trabalho é externo ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si fora do trabalho e fora de si no trabalho...o trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação (Marx, 2004).

As consequências dessa forma de produzir a existência afetam tanto a vida física quanto a vida espiritual do homem. O trabalho estranhado arruína o espírito, trazendo-lhe os sofrimentos psíquicos. As neuroses são uma expressão da vida estranhada, fundada no trabalho estranhado.

Sobre as consequências desse trabalho estranhado para os sujeitos, Marx discorre que esse modelo de produção contraditória constitui-se em um fator desumanizante do ser humano, que o rebaixa à mera condição de mercadoria:

A produção produz o homem não somente como uma mercadoria, a mercadoria humana, o homem na determinação da mercadoria: ela o produz, nesta determinação respectiva, precisamente como um ser desumanizado tanto espiritual quanto corporalmente – imoralidade, deformação, embrutecimento de trabalhadores e capitalistas. (Marx, 2004)

O capitalismo, enquanto sociedade de interesse particular, fundado sob o trabalho assalariado, portanto sob o trabalho explorado, produz, segundo Marx (2004), o estranhamento do trabalho em relação ao produto, ao processo da produção, ao gênero humano e aos outros homens.

O que implica, consequentemente, no estranhamento do ser social em relação a ele próprio. Esse estranhamento se manifesta, entre outras coisas, em formas de sofrimentos na sociedade capitalista.

Impende destacar que, de acordo com Freud (1924), as causas mais imediatas e mais importantes de todos os casos de doença neurótica devem ser achadas em fatores emergentes da vida sexual. A perspectiva unilateralizada de Freud e seu

tratamento dado às neuroses, isto é, sem considerar a totalidade social, contribuem em grande medida para alienação/estranhamento do ser social, uma vez que se dá dentro dos limites do capital e não permite uma compreensão do real em sua totalidade.

Antunes (1988), tratando do trabalho, afirma "o que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização no e pelo trabalho – se converte em meio de subsistência. [...] O que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído". Nesse sentido, e ainda segundo Antunes (idem), "[...] sob o capitalismo, o trabalhador repudia o trabalho; não se satisfaz, mas se degrada, não se reconhece, mas se nega. [...] O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas compulsório, trabalho forçado".

A degradação física e espiritual do sujeito tem sua origem nas atividades humanas, sobretudo no trabalho, que tornaram-se estranhadas no capitalismo. Os sofrimentos psíquicos nascem da totalidade social, da relação dialética entre o sujeito e o mundo objetivo, entre subjetividade e objetividade.

4. Considerações Finais

O desenvolvimento desigual e antagônico da humanidade desembocou num profundo mal-estar entre os seres humanos.

Freud, no século XX, encontrou a gênese desse mal-estar na renúncia que o sujeito é submetido a fazer em detrimento dos interesses coletivos. Nesse sentido o sujeito, a subjetividade tem um papel central na compreensão dos sofrimentos psíquicos.

Marx (2004), antecipando Freud, no século XIX, encontrou a origem dos sofrimentos psíquicos no trabalho estranhado, através do qual o homem tem seu espírito arruinado.

O trabalho é a categoria fundante do ser social. Todas as demais categorias, como linguagem, educação, arte, são fundadas pelo trabalho. Há uma relação de dependência ontológica destas demais categorias com o trabalho, enquanto categoria primária.

Na sociabilidade capitalista, assentada sob o trabalho assalariado, explorado, estranhado, todas as categorias secundárias mantêm uma relação de dependência ontológica com o trabalho, ou seja, elas existem em função de reproduzir a lógica da divisão do trabalho, a lógica do capital.

Nesse cenário, a ciência, a política, bem como a psicanálise existem enquanto complexos secundários que guardam íntima relação com o trabalho, e por isso mesmo, e contribuem em boa medida, para a reprodução a lógica do trabalho estranhado.

E é nesta perspectiva que deve ser entendido o papel da psicanálise frente às neuroses e adoecimento mental humano. Equivocadamente, Sigmund Freud relaciona as neuroses precipuamente às questões da vida sexual, sem fazer nenhuma relação com o mundo do trabalho e suas contradições na sociabilidade capitalista.

Essa leitura que Freud faz das neuroses, apenas evidencia o caráter de dependência ontológica que a psicanálise tem em relação ao trabalho estranhado na sociabilidade capitalista.

Noutro passo, tem-se que o trabalho livre-associado implica na eliminação da divisão social do trabalho, portanto na eliminação da propriedade privada e de toda forma de estranhamento. Segundo Marx (1988), essa modalidade é uma nova forma de organização do trabalho:

A produção em larga escala e de acordo com os preceitos da ciência pode ser organizada sem a existência de uma classe de patrões que empregue uma classe de braços; que para dar fruto os meios de trabalhos não precisam ser monopolizados como meio de dominação e exploração do trabalhador e que o trabalho assalariado, assim como o

trabalho escravo e servil é somente uma forma social transitória, e inferior destinada a desaparecer diante do trabalho associado que cumpre sua função com braço vigoroso, espírito ágil e coração alegre.

Por fim, não é que se possa afirmar que numa sociedade organizada em torno do trabalho associado, desaparecerão todas as formas de estranhamento e conseqüentemente desaparecerão os sofrimentos psíquicos, o que podemos inferir é que pelo menos as patologias psíquicas humanas oriundas dessa forma de sociabilidade certamente será eliminada, não haverá mais sentido de sua existência.

Uma vez identificando a relação direta do adoecimento mental humano com o trabalho estranhado, verifica-se que todo esforço para tratar das neuroses, tornam-se insuficientes. No sentido de serem apenas alívio e nunca superação das condições de existência desse adoecimento.

Noutra senda, tem-se que uma vez suprimido o trabalho estranhado, certamente, determinados tipos de neuroses advindas de uma sociedade doente como a nossa só serão eliminadas com uma sociabilidade emancipada fundada no reino da liberdade.

Diferente de Freud, a tradição marxista procura compreender os sofrimentos psíquicos como uma determinação da existência real, atribuindo às objetividades papel preponderante no processo de compreensão dos sofrimentos psíquicos.

A pesquisa encontra-se em aberto para estudos e pesquisas futuros, na medida em que ainda permite possibilidades para investigação do mal estar da sociedade a partir da perspectiva ontológica e sua relação com o trabalho, a partir de suas relações de determinação e de autonomia relativa.

Referências

- Almeida, E. R. (2017). *O papel da produção social na gênese, no desenvolvimento e no devir do gênero humano*. Tese (doutorado) pós graduação em educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Antunes, R. (1988). *A Rebeldia do Trabalho*. Editora Ensaio.
- Educação e Filosofia*, 33, 925-957. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v33n68a2019-46626>.
- Engels, F. (2004) Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: Antunes, Ricardo (Org.). *A Dialética do trabalho*. Expressão Popular.
- Fischer, E (1967). *A Necessidade da Arte*. Tradução de Leandro Konder. Zahar.
- Frederico, C. (2005). A arte em Marx: um estudo sobre os manuscritos econômico-filosóficos. *Revista Novos Rumos*, 20 (42), 122-131.
- Freud, S. (2016). *Neurose, Psicose e Perversão*. Autêntica.
- Freud, S. (1896). *Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*. Vol.III.
- Freud, S. (1996). *O mal-Estar na civilização*. Imago.
- Freud, S. *A sexualidade na etiologia das Neuroses* (1898). Vol.III
- Gonçalves, R. M. P., et al. (2019). O sentido ontológico do trabalho e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: considerações preliminares.
- Leontiev, A. (2004). *Desenvolvimento do psiquismo*. Centauro.
- Lessa S. (2007). *Para compreender a ontologia de Lukács*. Edufal.
- Lukács, G. (2020). *A destruição da razão*. Instituto Lukács.
- Lukács, G. (2021). *Para uma ontologia do ser social*. Boitempo.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2011) *O capital*. Boitempo Editorial.
- Marx, K., & Engels, F. (1998). *Manifesto do partido comunista*. Cortez, 1998.
- Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã*. Boitempo Editorial.
- Matana, C., & Iesen, S. A. L. (2021). Fundamentos psicanalíticos na construção da subjetividade na Psicose. *Research, Society and Development*, 10 (10). <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18738>.

Mészáros, I. (2006). *A teoria da alienação em Marx*. Boitempo Editorial, 2006.

Paulo Netto, J. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. Ed. Expressão Popular.

Rossi, R. (2020). Espaço, Totalidade e Método. *Sociedade & Natureza*, 32, 578-585. <https://doi.org/10.14393/SN-v32-2020-48456>.

Tonet, I. (2016). *Método Científico: uma abordagem ontológica*. Ed. Coletivo Veredas.

World Health Organization. (2022). Transforming mental health for all. <https://apps.who.int/iris/rest/bitstreams/1433523/retrieve>.